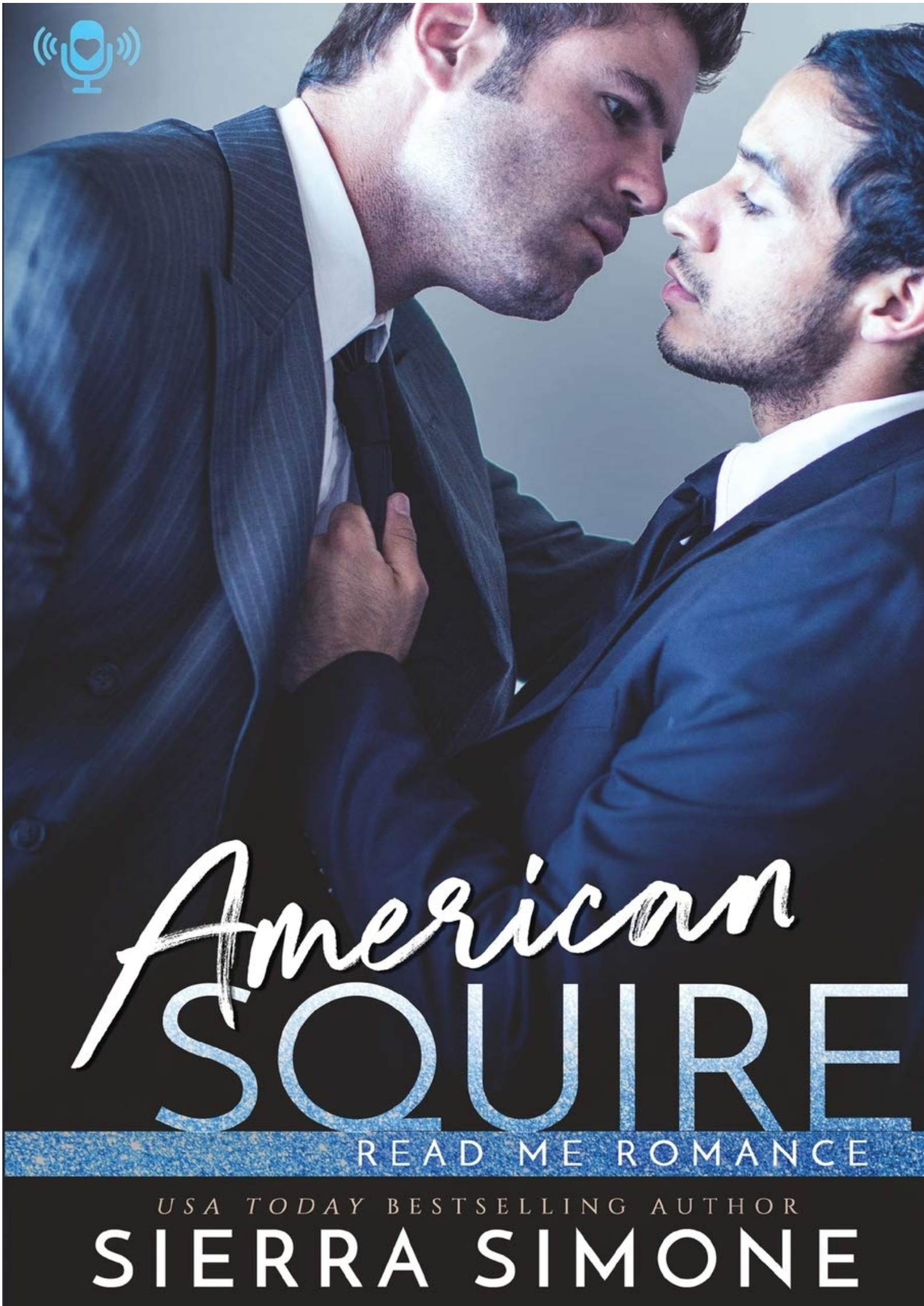

American
SQUIRE
READ ME ROMANCE
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
SIERRA SIMONE



Família Wings

Tradução e Revisão: Clau

Leitura: Angel

Formatação: Aurora

11 | 2020

Um Ano Wings

Aviso

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

O ex-assessor presidencial Ryan Belvedere tem estado à deriva em uma névoa de miséria desde que seu presidente foi morto, mas relutantemente concorda em fazer um favor para um amigo - buscar um livro raro em uma mansão em ruínas na Inglaterra.

Lá, ele conhece Sidney Blount - frio, sofisticado, dominador - que está na mesma casa para avaliar a arte da família. Sidney não demorou muito para avaliar Ryan também e decidir exatamente o que Ryan precisa.

Que é a única coisa que Sidney quer dar...

1



Poucos de nós temos a sorte de conhecer um mago de verdade.

Poucos ainda têm a sorte de serem enviados em uma missão por um.

Ou pelo menos é o que digo a mim mesmo durante meu voo interminável de Washington para Londres, e durante a viagem de trem seguinte para Exeter, e durante a longa e angustiante viagem enquanto luto para não arranhar meu carro alugado contra as sebes enquanto consulto o GPS no meu celular.

Olho para a tela e suspiro.

De alguma forma, levei uma hora inteira apenas para percorrer vinte e três quilômetros.

Suspiro de novo, como se cercas vivas e ovelhas fossem culpadas do Google, e, em seguida, jogo o celular no banco do passageiro. Supostamente, estou a apenas uma curta viagem de carro por uma vila, mas não dormi muito no avião e tudo está começando a parecer vagamente irreal. Meio que perdi a esperança de que Thornchapel ainda existisse neste lugar.

Todo esse caminho por um livro, penso cansado.

Se o pedido para ajudar não tivesse vindo de Merlin *e* Nimue – A nova... bem, a nova seja lá o que for de Merlin - eu poderia ter dito não. O presidente a quem servi fielmente por quatro anos está morto e, embora seu sucessor me oferecesse o mesmo emprego, não pude aceitar. Parece muito cedo para seguir em frente, e não quero seguir em frente. Ainda

não, não quando ainda me sinto tão errado por dentro, tão arruinado e perdido.

Mas quando Nimue me pediu para ajudar a ela e a Merlin, senti uma centelha do antigo Belvedere. O Belvedere que podia fazer qualquer coisa com óculos da moda e um sorriso. Disse sim antes mesmo de perceber que tinha aberto minha boca.

Eu guio o carro por uma ponte e entro em uma vila chamada Thorncombe que parece ter sido tirada diretamente de um cartão postal. Possui uma igreja de pedra com uma torre normanda quadrada, um cemitério com lápides desgastadas e muitos pubs em edifícios adoravelmente decadentes. Faltam apenas alguns dias para o Natal e tudo está enfeitado com coroas, fitas e guirlandas, e parece uma daquelas vilas de Natal em miniatura que minha avó gosta de colecionar. Normalmente não gosto de coisas tão transparentemente festivas, mas é estranhamente comovente ver a vila tão aconchegante e alegre no meio dos pântanos desolados, frios e marrons.

Não há tal aconchego ou alegria na própria Thornchapel.

Depois de uma curva fechada e um percurso sobre um pequeno rio coberto de gelo, rastejo pela longa entrada até encontrar um edifício severo que parece mais antigo do que as próprias colinas.

As ameias mastigam o céu de inverno como dentes de pedra, e as janelas refletem árvores, árvores e mais árvores. São três andares de pedra cinza, assimétricos e obviamente adicionados ao longo do tempo, e não há guirlandas aqui, nenhuma árvore de Natal brilhando alegremente pela janela da frente. De certa forma, a falta de ânimo sazonal é um alívio, já que existe a possibilidade de ficar aqui durante o feriado e odiaria me sentir como se estivesse impondo algo à família Guest, que me disseram ser a dona da propriedade. Não, há apenas uma casa e um livro dentro desta casa que foi prometido a Merlin e é, portanto, meu trabalho encontrar.

Estaciono atrás de uma van de trabalho estreita, observando os sinais de reforma acontecendo ao redor da casa - uma grande lixeira de construção enfiada discretamente em um lado, uma lata de tinta

escorando a porta de madeira maciça na frente - e, em seguida, pego minha mala do porta-malas assim que um Audi elegante estaciona atrás de mim. Fecho o porta-malas e me viro, me perguntando se este é o advogado da família, o Sr. Cremer, com quem falei brevemente ao telefone.

Mas quando o carro desliga e seu dono sai parecendo que saiu da capa da revista *GQ*, sei que ele não pode ser o Sr. Cremer. Trabalhei em Washington por quatro anos e todo advogado que conheço parece que está tomando estimulantes ou medicamentos para pressão alta - ou ambos. Este homem parece frio, em forma e sereno; um bloco de gelo que foi esculpido em forma de deus, vestido com um terno sob medida e, em seguida, coberto com um daqueles casacos de lã caros.

(Você conhece o tipo: escuro e comprido, e ajustado apenas o bastante para fazer você querer deslizar as mãos por baixo).

Juntamente com um lenço cinza, belas luvas e sapatos de couro polido, ele exala elegância e sofisticação; irradia o tipo de poder remoto que não posso deixar de desejar como um viciado.

E seu rosto - *este rosto*. Paro de me mover apenas para olhar para ele. Pálido e marcante, com maçãs do rosto salientes e uma boca altiva. Ele tem olhos cinza-pérola, cabelo escuro com apenas alguns fios brancos nas têmporas e uma expressão de pura arrogância imperial enquanto olha para Thornchapel. Ele é César no Rubicão, Aníbal olhando para os Alpes. É uma expressão que diz que ele está pronto para conquistar, e conquistar implacavelmente.

Imagino esse olhar dirigido a mim e flechas de calor descendo pela minha espinha. Como seria ser o objeto de sua determinação impiedosa? Como seria ter aquela mão enluvada de couro segurando meu queixo enquanto força seu pau na minha garganta?

Esperando que ele não consiga ver o rubor em meu rosto ou o espessamento atrás do meu zíper, eu sorrio para ele.

E tudo que recebo é um leve aceno de cabeça em retorno.

Alguns meses atrás, isso mal seria registrado. Meu trabalho era manter o presidente dos Estados Unidos confortável, informado e pronto

- a cada hora eu tinha que enfrentar senadores irritados, diplomatas furiosos e, o pior de tudo, os assessores pessoais de outros líderes mundiais. Era preciso mais do que um aceno frio para tirar um sorriso de mim.

Mas agora, com Maxen Ash Colchester morto e comigo vagando de um lugar para outro sem direção e sem propósito - bem, a rejeição deste belo homem por mim parece mais uma cutucada sombria do universo, me lembrando que nada importa e nada jamais importará.

Meu mestre está morto e nunca mais poderei servir.

2



Conforme previsto pela lixeira e pelo material de construção, o interior da casa está uma bagunça, que consigo ver mesmo através dos meus óculos embaçados. Eu e o Deus do Gelo revestido de lã somos recebidos pelo verdadeiro Sr. Cremer, um homem alto e esguio com óculos sem aro, que nos leva aos nossos quartos e nos diz que o dono da casa virá jantar conosco.

— Fico feliz em pegar o livro a qualquer momento, Sr. Cremer, — digo, um pouco esperançoso, enquanto ele nos leva até o andar térreo para nos apresentar a casa. — Odeio dar trabalho.

— Bobagem, — diz o Sr. Cremer. — O Sr. Guest está muito feliz em tê-lo aqui. Tenho certeza de que ele vai querer ouvir todas as suas histórias sobre o trabalho na Casa Branca. E além...

Estamos caminhando por um corredor estreito com janelas em arco para chegar à biblioteca. Parece algo saído de um mosteiro, assim como as portas de ferro fixadas na parede de pedra, e quando o Sr. Cremer as empurra para abri-las, até mesmo o Deus do Gelo ao meu lado solta um suspiro assustado. Diante de nós está a biblioteca de *A Bela e a Fera*, se *A Bela e a Fera* se passasse na escuridão austera do século XVII. Existem inúmeros livros em estantes robustas e intermináveis, dois andares de tudo isso com muitas escadas e pequenas escadas engenhosas para conectá-las. Toda a luz vem de uma grande fileira de janelas de dois andares no final, e a única ornamentação é a madeira entalhada e as cores variadas dos próprios livros. O teto é tão alto e a sala tão profunda

que as sombras se enrolam como grandes felinos no canto, mesmo à luz do dia.

— A biblioteca é bastante grande, — afirma o Sr. Cremer, no tom suave de óbvio eufemismo. — Pode levar algum tempo para você encontrar o livro que Merlin está procurando.

O deus do gelo vagou dentro da biblioteca, mas não está olhando para as prateleiras com a maravilha de queixo caído igual a mim. Está avaliando tudo com um olhar frio e calculista. De vez em quando, tira um livro da estante para examinar seu estado.

Sua eficiência e desprezo por itens indignos é poderosamente erótico. Eu não tenho ideia do porquê.

— Quem é ele? — Sussurro perguntando ao advogado.

— Ah sim. Esse é Sidney Blount, — responde o advogado. — Da casa de leilões. Ele está aqui para catalogar as obras de arte dos Guests, na expectativa de serem vendidas.

Sidney Blount. Parecia um nome de guerra para mim, ou talvez algo saído de uma história popular dos anos 1930 sobre um detetive sem alma que se esqueceu de como sentir qualquer coisa, a não ser amargura e luxúria.

Ao contrário de *Ryan Belvedere*, que é um nome que parece feliz e zeloso - pelo menos para mim.

Ou pelo menos parecia.

— O Sr. Blount não se importa em trabalhar tão perto do feriado? — Pergunto, tentando me afastar de pensamentos infelizes e mudar de assunto.

O Sr. Cremer encolhe os ombros com o menor encolher de ombros do mundo, tão sutil que mal consigo ver. — A empresa do Sr. Blount pode ganhar uma quantia substancial com isso. E meu cliente está ansioso para despachar a obra de arte - era importante para o pai dele, então o Sr. Guest é obrigado a retirá-la de casa.

Mesmo que o tom de voz do Sr. Cremer não tenha mudado, posso dizer que ele desaprova. — Estou supondo que seu pai não está mais vivo?

— Correto.

Acho que posso imaginar esse Sr. Guest agora, magro, ressentido e velho, o tipo de homem de meia-idade que atribui todos os seus sonhos mortos ao pai... enquanto fazia as mesmas escolhas que seu pai fazia. Já estou com medo de ter que conversar com ele, mas lembro a mim mesmo que já lidei com coisas piores na Casa Branca. Posso lidar com a petulância teimosa de um velho por alguns dias.

Na biblioteca, Sidney Blount está agora inclinado sobre uma pasta antiga com as mãos cruzadas atrás das costas. Sem o casaco de lã, posso ver como seu terno é perfeitamente cortado, como se ajusta às linhas esbeltas de seu torso e quadris. Ele é alto e tem ombros largos, e embora eu o considere cerca de dez anos mais velho do que eu, perto dos trinta, há muitos músculos esticando as costuras de seus ombros e braços sempre que puxa algo para mais perto para ter uma visão melhor.

— Como você conhece Merlin? — Pergunto a Cremer. É casual, é uma pergunta tão casual, mas sinto que estive olhando para Sidney Blount por tempo suficiente para parecer estranho, e não quero que o advogado perceba.

— Estudamos juntos, — responde Cremer. — Mantivemos contato desde então e eu o ajudo a cuidar de algumas propriedades de sua família aqui no Reino Unido. Quando ele me procurou sobre o livro, fiquei mais do que feliz em falar com o Sr. Guest sobre deixar Merlin comprá-lo. E como eu esperava, o Sr. Guest disse - e eu cito - *ele pode ficar com a biblioteca inteira, se quiser.* Eu, é claro, o aconselhei contra isso.

Sidney caminha de volta em nossa direção, uma silhueta altiva e bem vestida com as grandes janelas atrás dele emoldurando-o com a luz pálida do inverno.

— O Sr. Guest deseja que os itens nessas caixas também sejam avaliados? — Sidney pergunta.

Sua voz é tão nítida e precisa que eu poderia usá-la para dobrar camisas. Eu poderia usar isso para me cortar.

Eu suspiro. Ansiosamente, em silêncio.

Ninguém parece notar.

— Apenas as pinturas, — responde Cremer.

— Ele deveria avaliar tudo isso, — diz Sidney, voltando-se para encarar a sala. Tão perto, vejo as leves rugas ao redor de seus olhos, e a indício de uma barba começando a escurecer seu maxilar. Resisto à vontade de tremer de novo; minha fome por homens mais velhos é insaciável. — Seu cliente deve trazer alguém para ver esta biblioteca antes que apodreça por negligência.

Espero que o Sr. Cremer proteste, mas ele apenas solta um suspiro derrotado. — Sim, direi a ele.

Sidney não confirma isso - ele não parece o tipo de homem que reconhece quando as pessoas concordam com ele, como se esperasse que isso fosse devido.

Também tenho um pouco de tara por isso, para ser honesto.

O celular de Cremer toca e, desculpando-se, ele sai para atendê-lo no corredor, o que significa que apenas eu e Sidney sobramos dentro desta catedral de livros mofada.

Dou um passo à frente, olhando para as reentrâncias profundas feitas pelas prateleiras e considero minha tarefa. Sou muito bom no que faço - ou pelo menos, eu era muito bom no que fazia, antes que meu empregador e rei morressem e eu não me importasse mais em ser bom em nada. Encontrar um livro em uma biblioteca não deve ser mais difícil do que providenciar a lavagem a seco de um terno com apenas uma hora de antecedência ou informar o presidente sobre a agenda lotada de um dia, enquanto ambos corremos pela pista para pegar o carro.

Não demoro muito para avaliar o layout da biblioteca, e não muito mais do que isso para passar por um fluxograma de opções na minha cabeça sobre a melhor maneira de fazer a pesquisa. Um trabalho bem feito é realizado tanto no planejamento quanto na execução, e mesmo que eu não esteja tecnicamente sendo pago, mesmo que esse trabalho não afete ninguém além de Merlin e Nimue, é importante para mim fazê-lo bem.

Sinto um arrepio na nuca, quente e leve ao mesmo tempo, e olho para trás, para as portas, bem a tempo de ver Sidney Blount desviando o olhar de mim.

3



Anos dormindo apenas quando o presidente dormia - e muitas vezes menos - significa que estou cheio de energia depois de uma soneca de duas horas, mesmo com o jet lag. Faço a barba e tomo banho, visto um par de calças de algodão e um suéter verde-folha que realça minha pele oliva, e então passo uma quantidade embaraçosa de tempo mexendo no meu cabelo.

Antes, na minha vida trabalhando para Ash, não havia tempo para vaidade e não tinha muita disposição para moda. Tinha minha lista de roupas de tweed, meus óculos de confiança e fui abençoado com uma espessa mecha de cabelo preto que fica bem, não importa o que eu faça. Mas pensar em me sentar à mesa com o meticuloso Sidney Blount, um homem que zomba de livros raros e olha para artefatos romanos dentro de caixas de vidro, me preocupa se vou parecer imaturo, idiota ou vaidoso.

Mas não há como evitar. O cabelo deve cair e não tenho as ferramentas certas para gerenciá-lo. Arrumo tudo para ficar o mais domado possível - não muito - e desço para jantar, onde sou saudado pelo Sr. Cremer e um belo jovem de vinte e poucos anos.

— Você deve ser Ryan Belvedere, — diz o jovem, estendendo a mão com um sorriso. Ele tem um cabelo bagunçado que rivaliza com o meu e olhos castanhos como janelas para o verão no meio de todo esse frio e umidade. E seu sorriso tem um nó irregular em um lado do lábio superior, malandro e inocente ao mesmo tempo, o sorriso de um jovem no final da juventude, bem no limiar. Em um ano, talvez em alguns

meses, ele não será um jovem atraente, mas um homem no primeiro vigor de seu poder.

E esse não é o meu tipo, considerando minha inclinação por homens mais velhos e mais cruéis, mas meu coração acelera ao mesmo tempo que nossas mãos se tocam.

— Sr. Belvedere, — diz Cremer, — este é Auden Guest, seu anfitrião.

Este é Auden Guest? Tento esconder meu choque enquanto aperto sua mão em resposta e, em seguida, aceno com a cabeça em concordância com seu gesto para a garrafa de vinho aberta ali perto. Eu realmente pensei que estava ficando na casa de um avarento cheio de manchas, inimigo de livros e ressentido pelo pai, mas não. Apenas um garoto lindo com olhos castanhos e um sorriso aberto e torto.

— Muito obrigado por me permitir ficar aqui, — digo enquanto aceito a taça de vinho. Nossos dedos roçam e, embora não haja pura eletricidade entre nós, ainda sinto minhas bochechas ficarem coradas. Já se passou mais de um ano desde que toquei outra pessoa com as cortesias mais superficiais, e até mesmo as punições que vim a desejar no meu clube BDSM foram muito difíceis de encontrar entre o ritmo frenético da recuperação da campanha eleitoral de Ash e, em seguida, minha dor após seu assassinato. Estou faminto por carícias e tapas, e esta noite é a primeira vez que realmente sinto isso, sinto a fome e a falta.

Talvez Thornchapel esteja me acordando de novo. Incitando-me de volta à vida.

Levanto os olhos e vejo Sidney Blount na porta da sala de jantar, olhando para mim e para Auden Guest. Sua expressão é dura e fria, seus olhos são como gelo debaixo de um céu plano e de repente sei que se ele estalasse os dedos agora, eu cairia de joelhos. Bem aqui na sala de jantar, aqui na frente de todos. Nem mesmo largaria meu vinho primeiro, nem me importaria em derrubá-lo na minha pressa de obedecê-lo, na esperança de que me fizesse lamber cada gota derramada do tapete. Que me puniria pelo insulto ao meu anfitrião.

Então Sidney desvia o olhar, entrando com as mãos nos bolsos e uma linha entre as sobrancelhas enquanto, sem dúvida, cataloga os móveis antigos da sala.

Há uma diferença entre ser cruel e simplesmente desinteressado, Ryan, eu me lembro. O primeiro é uma das minhas coisas favoritas no mundo, e o último é algo com que não vou me machucar nunca mais. Já passei os últimos quatro anos sofrendo em silêncio pelos dois homens mais poderosos do meu país enquanto os via sofrer um pelo outro - não há sentido em iniciar um apego ainda mais desesperado por alguém que mal conheço.

Mas ainda não consigo parar de olhar para ele enquanto nos sentamos e uma mulher de bochechas rosadas chamada Abby entra com nosso jantar. Não consigo parar de observá-lo enquanto ele levanta sua taça de vinho - pela haste, sem manchas feias na taça de Sidney Blount, não senhor - e enquanto inclina a cabeça para ouvir Cremer ou Auden dizer isso ou aquilo. Enquanto come com uma precisão que é tão triste quanto elegante.

— Então, o Sr. Cremer me contou que você trabalhou para o ex-presidente? — Auden pergunta depois que terminamos nossa refeição, e segue para as tortinhas de maçã que Abby trouxe. — A propósito, sinto muito pelo que aconteceu.

— Obrigado, — digo. Adquiri prática em desviar das condolências das pessoas, porque simplesmente não há como descrever o que Ash significava para mim. É mais fácil fingir que perdi um chefe e não um rei, é mais fácil fingir que estou simplesmente triste em vez de completamente sem propósito, vagando sem um mestre para servir.

Auden parece sentir que há um pântano de conversas à frente e parece que está prestes a mudar de assunto, mas Sidney me perfura com seus olhos cinzentos enquanto se inclina para trás e pergunta: — E o que você fazia pelo presidente, Sr. Belvedere? Qual era o seu trabalho, exatamente?

É uma pergunta fácil, Ryan, você pode fazer isso sem chorar.

Inspire e expire.

— Eu era o assessor pessoal do presidente Colchester, — digo. — Eu era tudo que ele precisava para passar o dia. Certificava-me de que ele tinha suas anotações, as roupas certas, a fala certa, a comida certa. Eu o acordava, o alimentava, afastava as pessoas que queriam seu tempo; conduzia e seguia. Eu era...

Eu paro, de repente incapaz de encontrar palavras. Não apenas as palavras certas, mas quaisquer palavras, todas as palavras. Elas se foram, desapareceram completamente diante do que eu era para um homem que agora está morto.

— Você era dele, — Sidney termina suavemente para mim. Ele está me estudando enquanto um de seus dedos esfrega pensativamente sobre a delicada tinta dourada em sua xícara de café. — Isso é o que você era. Você era dele.

Aceno minha cabeça uma vez, não confiando em mim mesmo para responder.

— Então você era como um valete? — Cremer pergunta. — Um aide-de-camp[1]?

— Um *body man*, — Auden diz de repente, interrompendo a conversa. — É assim que se fala, certo? Um assistente[2].

Quero fechar meus olhos contra a onda de memórias que essas palavras invocam, do tempo em que Ash uma vez usou meu corpo para acalmar seu homem, seu distante amante Embry. De todas as vezes, desejei que ele usasse meu corpo para se acalmar, não porque tivesse ciúme de sua esposa ou de seu amante, mas simplesmente porque o amava tanto que queria dar-lhe tudo. Eu o adorava como meu herói, o venerava como meu santo e não teria parado por nada para aliviar seus fardos.

— Você era como um antigo escudeiro, — diz Sidney. — Cuidando de um rei.

---

[1] Do francês: assessor pessoal

[2] Em inglês, coordenador/assistente/braço direito também é body man.

Um escudeiro. Gostei disso. Gostei de sentir isso em minha cabeça, carregado com imagens de flâmulas e armaduras. Parece mais romântico, mais importante do que *assessor* ou *assistente*.

— Sim, como um escudeiro, — concordo.

— E você não achou o trabalho desprezível? — Sidney pressiona, seu dedo ainda traçando os padrões filigranados de sua xícara. — Não era humilhante?

É uma pergunta cruel, e Sidney a maneja como um bisturi - mas estranhamente, é uma sensação boa. Como se ele estivesse cortando algo pegajoso e confinando para deixar o ar entrar.

Ao mesmo tempo, minha paciência diminui um pouco. — Não existe trabalho desprezível, — digo. — Não há nada menos digno em compilar notas e fazer recados do que escrever poesia, pescar caranguejos ou fazer a curadoria de um museu. Sim, eu era um escudeiro, um assessor. Mas meu trabalho significava que um grande homem poderia fazer o *seu trabalho*, no qual eu acreditava. Fui útil, fui essencial e tornei a vida melhor, mais fácil e mais valiosa para um homem por quem me importei profundamente - e *isso* é nobre para mim.

A mesa me encara, todos quietos diante da minha resposta acalorada. Cremer parece um pouco envergonhado por causa de minha explosão, e Auden tem sua linda testa enrugada pensativa, mas Sidney Blount parece...satisfeito?

— Então, para mim, não há vergonha em trabalhos pequenos, — continuo. Ignoro o pico de calor na minha barriga ao ver a aprovação no olhar de Sidney. — Só há vergonha em trabalhos mal feitos.

— Deve ter sido difícil trabalhar com alguém tão próximo e depois perdê-lo, — afirma Cremer, obviamente tentando restaurar o equilíbrio da conversa.

— Sim, — respondo, sentindo-me cansado, fraco e triste. — Sim, foi.

— E o que você vai fazer agora? — Sidney pressiona novamente. — Para onde irá? A quem servirá?

Deveria ter sido uma escolha de palavras estranha, mesmo para um ex-assessor pessoal, mas para mim não são nada estranhas. *Servir* tem a cadência de uma doce música para mim, a harpa de Davi acalmando Saul, a percussão sussurrada de um rei adormecido, capaz de dormir profundamente porque seu servo está vigiando, e então a resposta sai antes que eu possa sequer considerar o que é que quero dizer.

— Se eu servir de novo, a escolha será minha. E se Deus quiser, será por muito, muito tempo.

4



A manhã chega com uma luz prateada e um vento agitado, e quando vou até as janelas do meu quarto, vejo grandes flocos de neve como penas passando pelo vidro. Eu os observo por um minuto, enquanto os flocos se prendem nos galhos das árvores e nos arbustos e no parapeito da minha janela. Há algo bastante aconchegante nisso, sabendo que não tenho que ir a lugar nenhum, sabendo que não há coisas para fazer na neve derretida e enlameada de tudo isso. Tudo o que tenho que fazer é encontrar uma boa xícara de café e vasculhar uma biblioteca - quero dizer, as pessoas pagam do seu próprio bolso para fazer isso, e aqui estou eu às custas de Merlin, com um anfitrião cordial e um trabalho a cumprir. E ter um trabalho a cumprir é uma das minhas coisas favoritas no mundo.

Eu me visto com mais ansiedade do que senti em semanas, vestindo jeans e um suéter de gola grossa sobre uma camiseta do *Reading Rainbow*, passando a mão inutilmente pelo meu cabelo idiota e, em seguida, colocando meus óculos exclusivos. Ignoro meu barbear habitual porque me sinto um pouco indulgente com a neve, um privilégio que não tive trabalhando na Casa Branca. Auden me disse ontem à noite para eu me sinta à vontade na cozinha, mas não sou uma pessoa que toma café da manhã, então só faço um pouco de café na prensa francesa enquanto olho a neve e depois vou para a biblioteca, me sentindo profundamente descansado apesar de ser cedo. São algumas horas a mais do que normalmente durmo, já que eu precisava acordar por volta de quatro ou

cinco horas na maioria dos dias para preparar as coisas para Ash, e dormi como uma pedra na noite passada depois de passar um tempo com minhas mãos e pensando em Sidney Blount. Especificamente, os dedos longos de Sidney Blount, talvez até ainda usando aquelas luvas de couro apertadas.

Gozei com tanta força que tive que morder o travesseiro para não gemer.

Por isso, dormi bem e me levantei logo depois que a luz começou a entrar. Mas, embora seja cedo, embora a casa esteja silenciosa, exceto pelo vento e o chiado da neve nas janelas, a biblioteca não está vazia.

Tem alguém aqui.

Sidney Blount está sentado em uma das longas mesas que se estendem no meio da sala, seu corpo sarado abraçado por um suéter preto de gola alta e calças cinza. Ele está debruçado sobre um pedaço de papel, os dedos em que pensei tanto na noite passada seguindo uma linha de texto enquanto ele lê. A meia-luz nevada que entra pelas janelas no final da biblioteca é fraca o suficiente para que ele tenha uma luminária sobre a mesa, e a luz destaca as fortes linhas de seu rosto em surpreendentes jogos de sombra e luz.

— Bom dia, Ryan, — ele diz sem tirar os olhos do jornal.

Meu nome em seus lábios é chocante, magia elétrica, e quase tropeço nos meus próprios pés.

— Bom dia, Sidney, — falho.

— Sr. Blount vai servir, — ele diz secamente, finalmente se virando para me encarar.

Enrubesço de indignação ou vergonha...ou ambos. — Eu... ah, certo.

— Isso vai ser um problema? Eu te chamando de Ryan, enquanto você me chama de Sr. Blount?

Suponho que deveria ser, mas ao refletir sobre isso, descubro que não é. Afinal, estou acostumado. Passei os últimos quatro anos dispensando todas as formalidades e cortesias às pessoas ao meu redor e, claro, é esperado no universo dos fetiches que a linguagem e os nomes

reconheçam o jogo de poder entre dominantes e submissos. Não que eu e Sidney estejamos jogando um jogo desse tipo agora.

Acho que não.

— Não é um problema se for proposital, — digo.

— Acho que ser proposital seria pior.

— Não, porque você perguntou se estava tudo bem e estou dizendo que está tudo bem. Se você não perguntasse, se não pensasse sobre por que precisava do título honorífico e eu não, então saberia que não devo confiar em você.

Sidney me estuda por um momento, lábios firmes pressionados em uma linha pensativa. — Anotado. E vai incomodá-lo se eu trabalhar aqui? — Ele aponta para as caixas e pastas à sua frente. — É mais fácil se eu tiver espaço para usar.

Em vez disso, me use. Trabalhe em mim até que eu esteja tremendo e chorando. Trabalhe em mim até que eu implore por misericórdia.

— Não me incomodo, — digo, caminhando para frente o suficiente para colocar minha caneca na beira da mesa. Espero parecer casual e controlado, e não como se já estivesse planejando me masturbar de novo pensando nele. — Desde que não incomode você que eu fique aqui?

— Claro que não. Ouvi parte de sua conversa com o Sr. Cremer ontem e entendi que você está procurando um livro?

Não sei dizer se ele está sendo educado ou se realmente quer saber... até que eu encontre seu olhar, e então não há como confundir seu interesse. Seu olhar é penetrante e sua sobrancelha está arqueada, como se estivesse impaciente com a minha hesitação em responder.

— Sim, — digo. — *A história trágica de Tristão e Isolda de Lyonesse*. Existem apenas duas cópias conhecidas na história e uma foi destruída na Alemanha durante a guerra. A outra cópia possivelmente está aqui.

— Possivelmente?

— Há uma carta de John William Waterhouse agradecendo a uma tal de Estamond Guest por deixá-lo olhar a biblioteca enquanto esteve aqui durante uma festa na casa. Ele menciona que achou *A história trágica* profundamente inspiradora e que adoraria pintar os amantes, o

que fez muitos anos depois. No entanto, a carta é da década de 1870 e não há indícios de que este livro esteja aqui depois disso.

— E o que este livro significa para você?

— Um trabalho, — respondo honestamente.

— Você está sendo pago?

— Não é esse tipo de trabalho.

Sidney estreita os olhos. — E quem é que pediu este trabalho? Quem tem tanta lealdade de você para demandar seu tempo assim?

— Não é... — Minhas mãos se movem um pouco desamparadas, como se eu pudesse definir o formato da situação que estou tentando descrever. — Acho que Merlin está tentando me fazer um favor. Me dar um propósito. Fiquei um pouco... perdido... após a morte do presidente.

Sidney parece relaxar um pouco com a minha resposta. — Merlin... Merlin Rhys?

— Você o conhece?

— Todo mundo o conhece. Por que acha que ele quer este livro?

— Na verdade, é da sua dom... — Paro de dizer a palavra *Domme*, mudo para outra coisa. — É a namorada dele que quer, de verdade. Ela não explicou o motivo. Só que pagariam para eu vir aqui e pegá-lo.

— Mm, — Sidney diz, claramente catalogando tudo isso. — Então, você pesquisa na biblioteca até encontrar este livro e o leva para Merlin, e depois?

— Não tenho outro trabalho planejado depois disso, se é o que está perguntando.

— É o que estou perguntando, — ele diz, um tanto lacônico, e depois volta ao trabalho.

Fico olhando para ele por um minuto, um pouco atordoado, e ainda assim, com espanto, há a sensação de uma coceira sendo coçada, a familiaridade de uma dispensa brusca de um homem poderoso. É tão conhecido por mim, tão reconhecível, que estou sorrindo um pouco enquanto me dirijo para o canto mais distante da biblioteca, onde pretendo começar minha busca por Tristão e Isolda. De certa forma, é como trabalhar com Ash novamente.

TRÊS HORAS DEPOIS e meu insucesso só me deixou mais determinado. Já passei por um bom décimo das prateleiras, mas é um trabalho lento e tedioso, mais lento do que jamais poderia ter imaginado. Em primeiro lugar, não há uma ordem real na biblioteca, nenhuma seção ou classificação, ou qualquer tipo de esquema organizacional. Não há registros, catálogos ou metadados que eu possa usar para tornar minha pesquisa mais fácil. E em segundo lugar, não há luz suficiente para ver o que diabos estou fazendo. A neve piorou, ficou mais densa e mais rápida e, mesmo com uma luminária arrastada atrás de mim, a escuridão é tão densa que preciso usar a lanterna do meu celular para ver.

E o que complica tudo é o estado antigo dos próprios livros - alguns deles sem títulos na lombada, alguns com títulos, mas com as letras desgastadas e tornando o título irreconhecível. Preciso retirar a maioria dos livros da prateleira e verificar a primeira página para ver o que são, e isso consome muito tempo.

Eu termino outra fileira e faço uma pausa para alongar, reavaliando todos os fluxogramas do projeto que fiz em minha cabeça ontem. As pessoas costumam pensar que ser metódico e eficiente são sinônimos, mas não é o caso. Às vezes, a eficiência requer criatividade em vez de lógica, requer visão. Orgulho-me de ver os atalhos que outras pessoas não notam.

Então, levo um minuto para examinar a biblioteca mais uma vez, agora que estou mais familiarizado com ela. Observo a enorme lareira de um lado, os acessos empoeirados do andar superior, as escadas que dão acesso a prateleiras altas e balcões em um emaranhado barroco de madeira escura.

E, claro, meu olhar é atraído para o arco elegante do pescoço de Sidney sobre seus papéis misteriosos, para o contraste de seu maxilar forte e contra sua blusa preta de gola alta. Deste ângulo, a parte coberta

de cashmere de seus ombros e bíceps é emoldurada por fileiras de livros ricamente coloridos logo atrás dele, e...

Ah. Interessante.

Na mesma estante em frente a Sidney, vejo dois grandes itens que mais parecem livros-caixa do que livros. Quando vou investigar, me dou conta de que vou ter que subir a pequena escada para alcançá-los, e com um suspiro faço isso, muito ciente de que meu jeans não é feito para escaladas. A cada degrau, sinto o jeans se ajustando indecentemente em volta da minha bunda e coxas. Só rezo para que Sidney, da Alfaiataria Impecável, não esteja olhando para mim agora.

— Você precisa de ajuda? — ele pergunta atrás de mim. Ele se levantou e andou com uma graça tão silenciosa e felina que nem tinha ideia de que ele estava lá.

— Hum, estou bem, — digo, pegando os livros e tentando me posicionar onde ele não consegue ver todos os detalhes anatômicos que meu jeans está revelando atualmente. Mas antes que eu consiga descer um único degrau, Sidney está na escada atrás de mim, pegando os livros em minha mão.

— Não se mova, — ele ordena, e eu não me movo.

Há o leve toque de seus sapatos Derby reverberando pela madeira, a pressão dele contra minhas costas que se foi cedo demais, e então ele tem os dois livros na mão e está descendo de volta.

O fantasma de todo aquele calor esbelto me mantém congelado por um longo segundo, tempo suficiente para ele dizer do chão, com um toque de diversão irônica: — Você precisa de ajuda para descer?

— Não, — digo rapidamente, não querendo que ele veja o quanto me afeta. — Não, estou completamente bem.

— Hmm, — diz ele, colocando os livros contábeis na mesa e voltando ao seu trabalho, e seu *hmm* parece que não foi totalmente enganado pelo meu ato.

Mas, apenas um momento depois, quando estou colocando a escada de volta para onde a encontrei, ele solta um suspiro irregular e,

quando me viro, ele está com os olhos fechados e a mão cerrada sobre a mesa.

Como se estivesse forçando todo o seu controle para permanecer onde está.

5



Então, esses eram os diários de Estamond? — Auden pergunta, enquanto coloco os livros no sofá ao lado dele. É depois do jantar, e nós quatro fomos para a biblioteca com uísque para aproveite a grande lareira e a neve ainda passando pelas janelas no escuro.

— Até onde sei. Não parece que ela chegou perto de pesquisar toda a biblioteca, mas uma parte está aqui.

Auden folheia as páginas quebradiças, os olhos percorrendo linhas e mais linhas de tinta marrom centenária. — Fascinante.

Sidney, que está de pé atrás do sofá e olhando por cima do ombro de Auden, se afasta para a janela. A luz do fogo na sala sombria dança por toda parte, dança sobre as linhas sutis de músculos e coluna vertebral em suas costas cobertas de cashmere. — Ainda acho que você deveria considerar a contratação de alguém para cuidar disso, — diz ele enquanto prossegue.

Auden não tira os olhos do catálogo da biblioteca amadora. — Nem sei o que isso significa, — diz ele. — Nem tenho certeza se me importo.

— Você poderia pelo menos terminar o trabalho de Estamond e catalogar adequadamente a biblioteca, — diz Cremer do sofá do outro lado da mesa de centro. — Pode até providenciar a digitalização de livros que ainda não foram digitalizados em outras bibliotecas. Pense nisso, Auden. Se aquele *Tristão e Isolda* é a única cópia que resta no mundo e está *aqui*, quantas outras coisas raras estão mantidas como reféns nas paredes de Thornchapel?

É o tom mais ousado que já ouvi Cremer usar e suspeito que tenha algo a ver com a quantidade de uísque que resta em seu copo.

Auden também deve notar, porque ele olha para seu advogado com um daqueles sorrisos de menino-rei que ele tem. — Cremer, você *está* atrevido esta noite! E ainda por cima sobre livros!

Meu celular vibra no bolso e, quando o retiro, vejo uma mensagem de um número que não reconheço.

Número desconhecido: aqui é Nimue. Diga ao Sr. Cremer para contratar uma mulher chamada Proserpina Markham para trabalhar na biblioteca de Thornchapel.

Fico olhando para o telefone por um longo tempo, sem ter certeza do que estou vendo. Mas quatro anos trabalhando com Merlin me deixaram resignado com esse tipo de coisa - quando a magia surge, é sempre mais trabalhoso ignorá-la do que deixá-la explodir em sua vida. Com um suspiro, me viro para Cremer.

—Você deveria contratar alguém chamado Proserpina Markham, — digo muito rapidamente, esperando que pareça menos maluco se eu deixar escapar.

O livro-caixa que Auden segura fecha-se com um estrondo alto de papel. Olho para ele com surpresa, ainda mais surpreso ao ver um músculo pulsando descontroladamente em seu maxilar.

— O que você acabou de dizer? — ele sussurra. Seus longos cílios varrem aqueles olhos castanhos como leques escuros enquanto ele olha para mim com algo que parece choque. — Que nome você acabou de dizer?

— Proserpina Markham, — repito. — É enorme, eu sei.

Auden está me olhando com tanta força que chega a marcar minha pele com suas perguntas. Meu celular vibra outra vez.

Nimue: Ela é uma especialista em arquivo de livros raros nos EUA.

— Ela é uma especialista em arquivos, — repito.

Auden empurra os livros do colo para se levantar. — Puta merda, — murmura para si mesmo. Ele lança longos dedos em seu cabelo castanho claro em movimentos espasmódicos e agitados. — *Puta merda.*

Dou uma olhada no meu anfitrião andando de um lado para o outro e, em seguida, no advogado bêbado na minha frente, que já parece ansioso para atacar o que quer que isso signifique para Auden se resultar em Auden contratando um bibliotecário, e eu silenciosamente me desculpo da área de estar. Eu provavelmente deveria pegar outra bebida ou fingir que vasculho os livros um pouco mais - atividade educada e sem sentido enquanto dou privacidade a Auden e Cremer - mas não posso evitar, sou atraído pelas janelas gigantes.

Sinto-me atraído pela silhueta do homem alto e de ombros largos contra o vidro.

Sidney está com uma mão no bolso e a outra com o copo de uísque pendurado entre as pontas dos dedos. Ele está olhando para a cena sitiada pela neve do lado de fora, mas balança a cabeça quando me aproximo dele, como se estivesse ciente dos meus movimentos o tempo todo.

— Ryan. — Ele toma um gole.

— Sr. Blount.

Nós compartilhamos um momento de silêncio juntos, apenas assistindo à neve cair e às árvores carregadas rangendo com o vento. Então ele diz, abruptamente: — Seu presidente. Você o amava?

Não há sentido em mentir. — Sim.

Seus dedos se apertam ao redor do vidro. — Vocês eram amantes?

— Não. Por que pergunta?

— Porque, Ryan Belvedere, quero saber o que estou enfrentando.

Choque e esperança percorrem minha corrente sanguínea. Preciso engolir antes de falar. — O que você está enfrentando?

Sidney dá um passo à frente, perto o suficiente para que eu possa ver o reflexo da luz do fogo brilhando em seus olhos. — Sim, — diz ele calmamente. — Estou competindo com o herói a quem você deu seu corpo

ou apenas seu coração? Perdi a chance de provar você antes mesmo de conhecê-lo?

Acho que não consigo respirar. — Sr. Blount…

Mais um passo à frente. — Você não se barbeou hoje, — ele murmura. — Isso me faz querer tocar seu maxilar. Isso é um problema?

E finalmente entendi, finalmente entendi que quando ele pergunta se *isso é um problema*, está realmente perguntando se está tudo bem, ele está perguntando se *pode*.

Ele está pedindo consentimento.

Essa percepção envia um frisson quente de necessidade direto para o meu pau. — Não é um problema, — digo com voz rouca.

E ele toca meu queixo.

Seus dedos são quentes e sondam minha pele com barba por fazer, e seu olhar é tão intenso que mal posso suportar. Ele traça o osso da minha orelha até o queixo e, em seguida, pega meu queixo entre os dedos, olhando meu rosto.

— Então vocês não eram amantes?

— Eu nunca dormi com o presidente, não.

Sidney ouve o implícito em minhas palavras cuidadosamente escolhidas e sua boca fica tensa. — O que isso significa?

— Ele me enviou para seu ex-vice-presidente. Como um… presente. Apenas uma vez.

— Hmm. Você também amou o vice-presidente?

Pela primeira vez, posso dizer isso em voz alta. — Sim. Eu o amava. E amei Ash. Também amei sua esposa. Amei todos eles, queria estar com todos eles.

— E agora? Você anseia por Embry Moore e Greer Colchester da mesma forma que está de luto por seu presidente?

Respiro fundo, olhando nos olhos iluminados do fogo de Sidney, sentindo seus dedos quentes me segurando. Parece seguro. É uma sensação linda.

Tão linda para abrir mão de algo que segurei por muito tempo. — Não, — digo. — Eu não anseio por eles. E Ash - estou de luto e lamento, mas talvez eu possa...

Paro. Não sei que palavras quero usar, não sei o que quero dizer. Como explicar que sempre vou chorar por Ash, mas que bem aqui - esta noite, com a neve caindo e a luz do fogo tremeluzindo nesta catedral de livros, esta noite com a boca cruel de Sidney e os olhos conquistador - estou pronto para deixar o luto de lado? Que estou disposto a considerar algo novo?

Alguém novo?

Os dedos de Sidney apertam uma vez e ele solta meu queixo. Para segurar minha mão.

É um toque tão simples. O calor de dedos entrelaçados e palmas das mãos pressionando em uma sala fria. E ainda porque é ele, porque é esse deus de gelo afiado me tocando, sinto seu toque em todos os lugares. Patinando sobre o sulco da minha espinha e provocando nas dobras dos meus joelhos e coxas. Roçando meus mamilos e passando por lugares secretos que ninguém tocou em meses e meses.

Meu pau, que estava gradualmente se mexendo em sua presença, agora está tão duro que sei que ele será capaz notar se olhar para baixo, mesmo na sala escura.

— Eu quero ser o único, Ryan, — ele diz com aquela voz nítida e elegante dele. — Aquele que você começa a experimentar, e aquele para o qual você se abre. Quero que você seja meu, como se fosse dele.

Meu coração está batendo tão forte que sinto que todos na sala devem ser capazes de ouvi-lo, mesmo enquanto meu cérebro cambaleia repetidamente tentando analisar suas palavras. — Você quer que eu seja seu, como se eu fosse dele, — repito lentamente.

Afinal, o que isso quer dizer? Ele quer que eu seja seu assessor? Está oferecendo um emprego? Ou quer que eu o ame e sirva, mas não compartilhe meu corpo?

Sidney inclina ligeiramente a cabeça para que mais uma vez nossos olhos se encontrem. — Você entende o que estou pedindo?

— Não, Sr. Blount. — Se ele quer me contratar, por que segurar minha mão? Se quer que eu o sirva como servi a Ash, então por que seus olhos estão caindo na minha boca agora mesmo, como se já estivesse fazendo planos para isso?

Ele solta um suspiro. — Eu me expressei isso mal. Não deveria ter feito você se lembrar disso - mas não pude evitar. Estou com ciúme dele. — Sua boca se retorce no canto com ironia. — Estou com ciúme de um homem morto. Estou com ciúme de quão fiel você é à memória dele quando você nem o fodeu, e estou com ciúme de que ele usou seu corpo, mesmo que fosse apenas para dá-lo a outra pessoa. Eu quero esse direito. Quero essa fidelidade.

Nossas mãos ainda estão se segurando com força, e ele coloca o copo na boca com a outra mão, tomando um gole de uísque. Estou prestes a fazer o mesmo com o meu, apenas para fazer qualquer coisa, fazer qualquer gesto que torne este momento surreal real, mas ele balança a cabeça e leva *sua* bebida aos meus lábios. O copo está frio, o uísque rico, e quando separo meus lábios para aceitá-lo, seus olhos escurecem de prazer.

É tão erótico ser alimentado assim, recebendo algo do copo de um homem poderoso e em sua mão, e é tão sexy que nem me importo que não estejamos escondidos, que Auden e Cremer poderiam olhar aqui em a qualquer momento e nos veja de mãos dadas, veja-nos compartilhando este momento.

Sidney também não parece se importar, porque, quando acabo de beber, ele abaixa o copo até o parapeito de pedra da janela e usa o polegar para limpar o rastro úmido de uísque dos meus lábios. E então coloca o polegar na própria boca e o lambe.

Quase caio contra a janela.

— Não quero que você seja meu assessor, — diz ele, dando uma última lambida no polegar. — Eu não preciso de um servo e não quero que você seja nenhuma dessas coisas para mim, pelo menos não da maneira que você foi no passado. Quando me servir, quando você agir como meu escudeiro, será uma escolha e um jogo que jogaremos. Eu

quero ser seu mestre e seu único rei, quero que você pertença aos meus cuidados, quero foder você e cuidar de você e conhecer você e compartilhar seu tempo e seu corpo e quem sabe seu coração depois de algum tempo. Isso é um problema?

O que significa eu *posso fazer isso por ele*?

Ele pode. Se ele está pedindo o que acho que está pedindo.

— Faz apenas dois dias, — digo, enquanto considero o que *realmente* quero dizer. O que realmente quero perguntar.

— Eu não preciso de mais tempo, — diz ele com um movimento arrogante de sua cabeça. — Quero você.

— E você tem mais alguém sob sua guarda?

— Você acha que eu gastaria meu Natal separando documentos de proveniência de arte se eu tivesse?

— Por que não há mais ninguém, então?

Ele solta um longo suspiro. — Porque sou cruel e sou frio, e às vezes gosto de fazer as pessoas que amo chorar. Alguma outra pergunta?

— Sim, — respondo — Nós não demos um nome para isso... não dissemos as palavras. Mas só fiz isso antes em um ambiente formal.

— Em um clube, você quer dizer.

— Certo. Eu nunca fiz isso na vida real. Nunca tive um dominante que fosse meu por mais de uma sessão, nunca tive um homem que quisesse meu coração *e minha* dor.

Os olhos de Sidney parecem incrivelmente ternos. — Nunca? Você é tão jovem.

— E você não é, — digo. — Você já fez isso antes? Sabe como isso funciona?

— Quer saber se já tive homens que levei ao cinema e para jantar fora e que também açoitei e humilhei? Sim.

Agora acho que estou com um pouco de ciúme. Que ridículo termos ciúmes do passado um do outro quando nos conhecemos há menos de quarenta e oito horas, e mesmo assim... Não posso mentir para mim mesmo. O ciúme é revigorante, é potente e inebriante. É como estar vivo,

querendo o que não posso ter, querendo a ocupação total e completa no coração de um quase estranho.

— Você vai ver que não é tão diferente, — diz Sidney. — O clube e a vida real. Você vai me dizer seus limites e vai me dizer o que te excita. Você me dirá o que mais deseja e o que fazer para conquistá-lo... diga-me até onde posso ir e diga-me o que você espera em troca. E então vamos começar.

— E quando eu encontrar o livro e for embora?

A mão dele aperta a minha, como se já estivesse tentando me impedir de sair. — Você não precisa ir embora, sabe. Não se você não quiser.

— Sr. Blount.

— Por que está tão ansioso para retornar? — ele pergunta. — Se não há um emprego ou um amante esperando, então por que não fica comigo?

Não tenho uma boa resposta para isso. A verdade é que depois de quatro anos sem fazer nada além de atender às necessidades de outra pessoa, tenho muitas economias e nenhuma urgência real para encontrar outra ocupação. O aluguel do meu minúsculo estúdio em Washington termina no próximo mês e ainda não decidi o que fazer a respeito. Minha vida é tão disforme quanto a fumaça de uma vela agora.

O interessante é que a oferta de Sidney faz minha vida igual a fumaça de velas parecer uma *boa* coisa, algo *emocionante*, em oposição ao fardo que sentia apenas um dia atrás.

Sinto-me livre em vez de perdido. — Eu preciso de um lugar para ficar.

— Você poderia ficar comigo, — diz ele, e sei que a cautela em sua voz é porque não quer me assustar. — Tenho muito espaço, muitos quartos.

— Você gostaria que eu morasse com você?

Ele inclina a cabeça. — Isso te incomoda?

— Não sei. — As palavras são incômodas na minha boca.

Eu sou como todo mundo: luto com a incerteza, nuance, ambiguidade. A única diferença é que, nos últimos quatro anos, não me foi permitido dizer *eu não sei*, sempre foi esperado que eu tivesse a resposta. Ou para encontrar a resposta o mais rápido possível. É estranhamente bom dizer isso de novo, o desconforto inicial desaparecendo no poder calmante das palavras. — Eu não sei.

— Você não precisa saber, — Sidney me garante. — Desde que você me diga quando souber.

— E até lá?

— Até lá, quero nos guiar. Quero nos liderar. Isso é um problema?

— Não, — sussurro. — Isso não é um problema.

6



Para minha dolorosa frustração física, Sidney quer esperar até o dia seguinte para começar. Cada parte disso, desde segurar as mãos até ele lamber o polegar para sentir o gosto mesclado de uísque e minha boca, me deixa tão excitado que voltar para o meu quarto é desconfortável, muito menos tomar banho e tentar dormir.

Mas, como qualquer bom sádico, ele quer que eu escolha sua crueldade com a mente clara e depois de uma noite inteira de sono.

— Qualquer um pode dizer sim assim, — ele me disse antes de nos reunirmos com os outros. Ele gesticulou para a neve, o fogo e os livros. — É fácil dizer sim assim.

O que significa, suponho, que é mais difícil escolher a dor e a vergonha enquanto o sol está brilhando em cada rachadura e falha na sala. Admiro sua cautela, embora admire menos enquanto queimo sozinho entre meus lençóis, porque, é claro, sua única proibição como meu dominador provisório era me proibir de gozar.

Droga.

Felizmente, o fantasma de Proserpina Markham, seja ela quem for, deixou Auden tão agitado na noite passada que ele e Cremer pareciam totalmente inconscientes do que Sidney e eu compartilhamos perto da janela, e quando esbarro com Auden na cozinha esta manhã, ele parece distraído e não como se suspeitasse que estou indo para sua biblioteca para ser espancado por seu agrimensor de arte.

— Tudo certo? — Pergunto enquanto pego um pouco de água. Estou muito nervoso para tomar um café e prefiro esperar para comer até que Sidney tenha usado meu corpo.

O jovem dono da casa apenas puxa um pouco o cabelo. — Está tudo bem. — Ele me dá um sorriso forçado. — Estou bem.

— Ah. Então tá. Me avise se puder ajudar em alguma coisa?

—Ninguém pode ajudar, — ele murmura, como se para si mesmo. E então tenta uma alegre mudança de assunto. — Deve ser um dia tranquilo. Cremer saiu cedo para chegar a Londres, embora as estradas ainda estejam péssimas e o tempo esteja péssimo para que a reforma continue. Estou planejando ficar no meu escritório o dia todo para trabalhar, se você precisar de mim para alguma coisa.

— E você não vai voltar para Londres no Natal?

— Meus pais estão mortos, — Auden diz sem rodeios, tão sem rodeios que quase perco o vislumbre de dor tímida em seus olhos. — E o resto da minha vida é... complicado. Acho que vou ficar aqui e ir à missa.

— Missa? — Digo. Eu não esperava encontrar outro católico aqui no interior da Grã-Bretanha. — Você é católico?

Outro sorriso forçado. — Também complicado.

— Ah.

Quero perguntar mais a ele, quero perguntar sobre Proserpina Markham e porque a vida dele é tão complicada, mas também quero muito, muito ficar sozinho com Sidney. Então, pego minha água e me despeço.

O corredor estreito que leva à biblioteca é forrado de janelas em arco - um lado voltado para a frente da casa e a entrada de automóveis, e o outro voltado para um pátio interno com alguns bancos solitários e uma fonte. Tudo está coberto por penhascos de neve de contos de fadas, grossos e brancos e ofuscantes.

Mas não há nenhum príncipe de contos de fadas atrás desta porta. Apenas um homem com o coração de gelo e uma voz de gelo.

Mal posso esperar.

Quando entro, Sidney previsivelmente já está trabalhando. Hoje ele está com outra blusa de gola alta e outra calça, mas suas mangas estão arregaçadas até os antebraços e posso ver um grande relógio brilhar em seu pulso. Ao lado dele, na mesa, estão uma garrafa de água e uma gravata. E ao lado delas estão suas luvas de couro, sua presença divertida e sinistra.

— Feche a porta, Ryan, — diz Sidney sem tirar os olhos do trabalho. — E coloque esses calços contra o lado de dentro das portas para que não possam ser abertas pelo lado de fora. Então venha aqui.

Ontem à noite, ele veio ao meu quarto depois que todos se retiraram para dormir e se sentou na cadeira de canto e me fez responder a todos os tipos de perguntas sórdidas. Eu gosto de ser espancado? Chicotadas? Escravidão? Gosto de rastejar e implorar? Como gosto de ser elogiado? Sou barulhento quando gozo? Quais foram as coisas que imaginei quando me masturbava e que eu não queria que ninguém soubesse? Posso descrevê-las com mais detalhes? Eu avançaria para a luz para que ele pudesse ver meu rubor de vergonha quando eu fizesse isso?

Conversamos por quase duas horas, decidindo sobre o sistema comum verde-amarelo-vermelho de palavras seguras, já que Sidney admitiu que não é incomodado por desconforto e protestos, e isso permitiria que ele aproveitasse o pedido ocasional de misericórdia enquanto ainda me dava uma maneira de me proteger. Além disso, decidimos por um acordo adaptável, mas principalmente em tempo integral... pelo menos pelos próximos dias. Depois de passar tantos anos como um assessor, acho a ideia de passar da troca de poder para o amante normal repetidas vezes enervante. Eu prefiro ficar com o primeiro e então ter um pouco da graça e flexibilidade nos limites.

Então, já sei ao me aproximar dele que estarei seguro, que ele não exigirá de mim nada que eu não esteja disposto a dar, e posso estar presente no momento. Posso estar com tesão e vulnerável e excitado e nervoso e pronto.

Posso ser apenas eu.

— Eu gostaria de trabalhar perto da lareira, — diz Sidney assim que o alcanço. Ele ainda não se preocupa em olhar para mim. — Você pode levar meu trabalho para a poltrona?

Ele é desconfortavelmente bonito desse ângulo. Suas mãos, grandes, mas sofisticadas, parecem as mãos de um amante. A ponta de seu nariz forte é capturada pela luz da manhã enquanto sombras se acumulam no minúsculo poço no topo de seu lábio superior. Ele tem o tipo de beleza que Ash tinha, o tipo que tem Embry e Greer e até Auden Guest; é o tipo de beleza que impele a devoção não porque seja visualmente impecável, mas porque promete mistérios incalculáveis além de si mesma. A beleza é apenas uma porta, um limiar para um mundo interior secreto que apenas alguns privilegiados conseguem ver.

Organizo o trabalho de Sidney em pilhas agrupadas, que empilho em seções perpendiculares para que ele não perca nada da organização que fez. Sei que ele percebe isso e está satisfeito com meu cuidado, o que me faz sorrir enquanto coloco tudo na mesa ao lado da cadeira e volto para pegar sua caneta e iPad.

Ele está sentado quando volto, seus lábios firmes pressionados em uma nova infelicidade. — Não é tão confortável quanto eu esperava.

— Vou pegar um travesseiro para suas costas, Sr. Blount. — O que é ridículo, já que um homem em forma como Sidney não precisa realmente de um travesseiro para as costas, mas não importa *o motivo* pelo qual estou me movendo pela sala à sua disposição, *apenas eu*. É tudo parte do jogo que decidimos ontem à noite, e é quase enervante a rapidez com que o jogo me relaxa, mesmo quando me excita.

Busco o travesseiro e, em seguida, Sidney decide que está muito frio e me faz acender o fogo para ele. E então está com sede. E então está muito quente afinal e quer que eu coloque a cadeira longe das chamas.

— Acho que finalmente descobri o motivo pelo qual não me sinto confortável, — diz Sidney após um momento. — Eu preciso de um banquinho. Você poderia me encontrar um, por favor?

Apenas na voz de Sidney a polidez não parecia em nada com polidez. O *por favor* apenas ressalta o comando que veio antes dele, o leve

toque de condescendência deixando claro que cada momento cortês ou gentil que tenho com ele é um abono concedido apenas a seu gosto, e não tenho o direito de esperar ou exigir o contrário.

Aquele *por favor* expresso com frieza é como couro acariciando minhas costas. Eu quero ronronar.

Apesar do luxuoso couro adamascado espalhado ao redor da lareira, a biblioteca está completamente desprovida de qualquer coisa que pudesse ser um banquinho decente. As cadeiras de madeira ao redor das longas mesas seriam muito altas e a mesa de centro ali perto seria muito baixa. E mesmo sabendo aonde essa pequena peça estava me levando o tempo todo, ainda sinto um arrepio de mau presságio e emoção quando penso *vai ter que ser eu.*

Eu vesti jeans e um cardigã hoje, imaginando que meu visual nerd-casual serviria ao duplo propósito de ser confortável e ressaltar a diferença de poder entre mim e Sidney em todo o seu contido verniz. Tento não ficar envergonhado quando sinto novamente o jeans apertar em volta da minha bunda e coxas quando fico de joelhos e abaixo minha cabeça no chão. Tento manter a calma enquanto me enrolo em um banquinho útil e ouço o murmúrio de prazer de Sidney.

A neve ampliou a luz do dia em um brilho surpreendente. Mesmo no tapete com a cabeça pendurada entre os ombros, posso ver todas as curvas e fibras individuais, os cantos debaixo das cadeiras que o aspirador de pó perdeu, uma rolha de vinho esquecida, o pedaço de cutícula seca no meu polegar esquerdo. Que estranho ver tudo com a sobriedade rude e racional de hoje... e então sentir os sapatos de um homem se assentarem nas minhas costas. Ainda sentindo a sola deles afundando na minha pele, ainda me forçando contra meu jeans com uma ereção necessitada de vergonha de tudo isso.

— Você é um bom banquinho, Ryan, — diz Sidney calmamente. Escuto, mas não vejo papéis virados, o toque ocasional de um dedo em seu iPad enquanto ele o liga para fazer anotações ou tirar uma foto rápida de qualquer documento que está lendo. Será que estou nas fotos? Será

se ele olhar com atenção, vai ver a curva das costas de um homem sob o couro caro dos sapatos de Sidney?

Correr atrás de Ash por quatro anos - às vezes correr *com* ele se ele decidisse que não queria fazer exercícios sozinho naquele dia - significa que estou em forma, mas a posição fica difícil rapidamente. Mesmo nos meus cotovelos, o peso das pernas de Sidney é suficiente para fazer meus braços tremerem. Meu pau está preso entre meu quadril e minha calça jeans de tal forma que até a mais leve mudança de posição é uma agonia. E assim que Sidney vê que estou sofrendo, ele acrescenta para sua diversão, pressionando com mais força as pernas, cravando as solas dos sapatos mais profundamente nos músculos das minhas costas.

Nós jogamos este jogo por tanto tempo que o suor está escorrendo pelo meu rosto, mesmo nesta sala fria, e quando ele finalmente tira os pés das minhas costas, estou respirando com tanta força que meus lados doem.

Mas não me levanto. Ainda não. Não sem sua permissão expressa. Já vai haver dor hoje e, embora eu seja uma presa fácil para a dor, não há sentido em trazer mais raiva para a minha cabeça só porque não consigo ser paciente.

— Tão bem treinado, — Sidney murmura acima de mim. — Estou com inveja de quem teve o prazer de quebrar você. Qual era o nome dele?

— Mark, — digo. — Em um clube chamado Lyonesse em Washington. Ele também treinou Ash.

Então calo a boca, porque não tenho certeza se é uma boa ideia dedilhar as cordas do ciúme agora.

— Hmm, — Sidney diz daquele jeito dele. E então ele suspira. — Ainda não estou confortável, Ryan.

— Lamento ouvir isso, Sr. Blount.

— Fique de joelhos e de frente para mim.

Ele levanta os pés e eu me ajoelho entre suas pernas, olhando para seu rosto imperioso. Já me ajoelhei inúmeras vezes no clube, na frente de Mark ou de algum outro dominador disposto a jogar comigo, mas é vasta a diferença entre ajoelhar-se em um clube escuro e em uma

biblioteca iluminada. E ajoelhar-me na frente de alguém com quem eu um dia quero comer pizza e cujas fotos de infância eu gostaria de ver também é enervante. Se não conseguir agradá-lo aqui, como seria fora dessas paredes? Ele estaria tão ansioso para que eu fosse para Londres e ficasse com ele se eu não o satisfizesse aqui agora?

Os olhos de Sidney são perspicazes e perscrutadores em meu rosto, e ele estende a mão para correr um dedo ao longo do meu queixo. — Estou vendo preocupação em você, — diz ele. Sua voz ainda está fria e cortada, mas há algo gentil nela também. Ele está sendo gentil - ou pelo menos tão gentil quanto é capaz de ser. — Você já me deixou muito feliz. Gostaria de ver?

— Sim, Sr. Blount, — ofego, e ele aponta a cabeça para seu colo em permissão.

— Então olhe por você mesmo.

Levanto minha mão - hesitante, ainda não tenho certeza se tenho permissão - e corro minha palma ao longo de sua coxa. É a primeira vez que consigo tocá-lo, e é como a primeira mordida em uma maçã - antecipação perfurada e a explosão de doçura depois.

Não poderia imaginar que seria tão bom tocá-lo. Não poderia ter imaginado a escultura quente de sua perna firme debaixo de minha mão, ou o leve tremor de seu corpo sob o meu toque, provando que ele está tão afetado por este momento quanto eu. Eu não poderia saber que acariciar com uma mão em sua coxa vestida bastasse para me fazer estremecer. Se já não estivesse de joelhos, estaria caindo sobre eles agora.

Além do tremor reprimido de seus músculos e o dedo ainda brincando preguiçosamente com meu maxilar, Sidney fica completamente imóvel enquanto minha mão atinge a espessura que se estende até seu quadril. Ele fica completamente imóvel enquanto exploro seu comprimento impressionante, a coroa inchada toda roliça e distendida, a base larga e a convexidade de seus testículos por baixo.

Ele abaixa sua mão para cobrir a minha, move-a para a braguilha de sua calça. — Não sinta apenas. Falei para você olhar.

— Onde você está feliz?

— E onde me sinto desconfortável, — diz ele, arqueando uma sobrancelha o suficiente para me dizer que estamos de volta aos negócios.

Desabotoo suas calças, me perguntando como uma ação que faço várias vezes ao dia pode ser tão desajeitada quando estou fazendo isso com outra pessoa. E então paro de pensar em qualquer coisa quando abro seu zíper e vejo seu pau nu e ereto.

É mais grosso do que eu pensava originalmente e tão longo que descansa obscenamente contra a caxemira que cobre a maior parte de seu torso. Há uma leve pelagem masculina em sua barriga, e o pelo crespo em torno de sua raiz foi mantido bem cuidado. É o pau de um homem calculista e meticuloso - mas também arrogante. Até a maneira como se projeta de sua virilha e gotículas de porra na ponta parece fútil e exigente. Assim como o próprio Sidney.

— Se você colocar sua boca, — ele diz. — Posso me sentir melhor.

Olho para ele através dos meus cílios, apenas para confirmar, e tudo o que ele vê no meu rosto o faz cerrar a mão no meu cabelo.

— Porra, você é lindo, — ele sussurra por entre os dentes, levando meu rosto para sua ereção à espera. — Você sabe o que pensei quando vi esses cílios pela primeira vez? Esses lindos olhos escuros? Que mal podia esperar para ter você de joelhos, assim, olhando para mim através desses cílios de boneca enquanto o alimentasse com meu pau.

— Sim, Sr. Blount, — gemo. E ele faz o que diz e empurra-se pelos meus lábios e entra na minha boca que espera. me certifico de olhar para ele, capturando seu olhar enquanto ele se esfrega contra minha língua. Seus olhos estão semicerrados, queimando os meus, e se estava nervoso antes de agradá-lo, tudo se foi agora. Não há dúvida de que ele me quer, que vai me querer outra vez depois. Sou ainda melhor do que os artefatos romanos nas caixas de vidro; ele me avaliou e agora quer ficar comigo.

Ele é limpo, cheira a sabonete, com apenas o menor traço salgado em seu gosto, e gemo de novo enquanto consigo levá-lo mais fundo, no aperto da minha garganta.

— Ah, de novo, — ele diz, usando os dedos torcidos no meu cabelo para forçar o ponto. Seus quadris impulsionam enquanto ele me puxa

para baixo, e logo está fodendo minha garganta com consideração suficiente com minha respiração para que eu não desmaie - mas não com tanto cuidado para que não tenha lágrimas escorrendo rapidamente e com força pelo meu rosto.

— Essas lágrimas, — ele resmunga, e sei o que ele vê. Sei que ele os vê brilhando nos longos leques dos meus cílios. Sei que a forte luz do sol entrando pelas janelas deve estar fazendo-as brilhar. — Porra, Ryan. Essas lágrimas.

E então ele goza. Pulsante, espesso, quente - tudo na minha garganta, enquanto sua mão cruel me força contra ele. Meu próprio pau lateja em resposta, dói. Ele deseja. Acho que também poderei gozar se girar meus quadris para esfregar minha ponta contra o interior da calça jeans, mas nem mesmo tenho a chance de tentar porque Sidney se levanta e me põe de pé, mesmo que ainda esteja engolindo o que resta de sua porra.

Ele não se preocupa em fechar o zíper - em vez disso, ele se deixa exposto, ainda quase todo duro e ainda molhado da minha boca - enquanto me arrasta para a longa mesa da biblioteca.

— Pulsos para fora, — diz ele, em um tom que não admite argumentos. Não que eu fosse discutir.

Meus pulsos são amarrados rapidamente, com a experiência de alguém que já fez isso inúmeras vezes antes, e ele verifica minha circulação com a eficiência neutra de um enfermeiro. Em seguida, meu jeans está sem cinto, o couro fazendo um assobio lento e sinistro enquanto desliza nos passadores, e meu jeans está desabotoado e aberto.

Sidney puxa a cintura da calça para baixo e meu pau atinge o ar fresco, finalmente livre para latejar e inchar o quanto quiser, e faço um barulho involuntário quando vejo sua mão se mover para cima, como se ele fosse me tocar.

— Por favor, Sr. Blount, — digo quando sua mão se afasta. É tudo o que consigo fazer para não começar a chorar de novo. — Por favor.

— Por favor, o quê? — ele pergunta indiferentemente. Ele já está voltando para a mesa, para as outras coisas que ele trouxe para nós hoje.

— Por favor, me... me toque.

— Tocar você? Você quer dizer tocar seu pau?

— Sim, Sr. Blount.

— E fazer você gozar? É isso que quer? Isso é uma coisa muito egoísta de se querer, a propósito.

— Eu sei, Sr. Blount, mas, por favor.

— Parece que está doendo muito, — ele observa enquanto pega as luvas de couro e começa a vesti-las. — Está mesmo? Dói?

— Sim, — choramingo, meus olhos em suas mãos. Aquelas luvas - as luvas que pedi ontem à noite porque me excitou tanto pensar em ser manuseado por ele enquanto as usasse. Parece que todo o sangue do meu corpo foi para a minha virilha, como se houvesse um punho na base da minha espinha apenas apertando e apertando e apertando. Estou com medo de explodir em mim mesmo sem ser tocado.

— Que tal agora? — Sidney sugere com uma voz sedosa. Ele está com as luvas e meu cinto em uma das mãos. — Vamos trocar uma dor pela outra.

Oh Deus, por favor, não me deixe gozar agora, por favor, deixe-me esperar. Por favor por favor por favor.

Sidney levanta meu cardigã para que toda a minha bunda fique exposta. A luva de couro roça a pele na parte inferior das minhas costas e eu estremeço. — Em que cor estamos, Ryan? — ele pergunta.

— Verde, — respondo.

E um segundo depois, o cinto bate seu coro na minha bunda.

— E agora? — Sidney pergunta calmamente.

— Verde.

Outro golpe. Outro verde. Depois do quarto golpe, ele para de perguntar, embora faça uma pausa entre alguns para me dar um tempo para falar, se necessário. Eu não preciso, embora esteja chorando no décimo golpe e meu pau esteja tão duro que dói também, e tudo dói e estou tonto e sem fôlego.

Ele coloca o cinto sobre uma cadeira e fica atrás de mim. — Ainda verde? — ele pergunta suavemente.

— Sim, — eu murmuro. — Verde.

Uma mão de couro frio agarra meu órgão e suspiro, meus joelhos quase dobrando. Mas Sidney está bem atrás de mim, forte, alto e seguro, seu pau totalmente ereto aninhado contra minha bunda açoitada enquanto ele me agarra e começa a acariciar. Caio contra ele.

— Peguei você, — ele diz no meu ouvido. Sua mão em mim é forte e má, e tão, tão, tão boa. Ele me esfrega como preciso, ele me esfrega rápido e forte e sem misericórdia, me esfrega com essas luvas de couro sobre as quais tenho pensado tantas coisas nojentas. O atrito é vicioso e há uma mordida na felicidade que ele está me dando, mas eu nem me importo. Prefiro ter isso dele do que prazer puro de qualquer outra pessoa.

— Você pode gozar para mim, — ele diz. Seu pau queima quente e duro contra a minha bunda enquanto ele se esfrega mais perto. — Você merece, não é? Você não merece?

Porra, *porra*, ganhei, eu mereci - é tudo que quero, fazer as pessoas ao meu redor felizes e melhores e ganhar todas as coisas boas que eu quero...

Minhas costas se curvam como uma tesoura de liberação primária e crua saindo de mim. Algo no fundo da minha virilha está flexionando, bombeando, mesmo enquanto meu pau flexiona e bombeia do lado de fora, jorrando porra por toda a mão de Sidney e sobre a mesa, mais e mais e mais até que estou tremendo e drenado e tudo é uma sensação incandescente e elétrica. Prazer, dor, êxtase e angústia - tudo, tudo.

Os lábios de Sidney estão no meu pescoço enquanto volto gradualmente e, como o prazer que ele me deu antes, a doce sensação de sua boca é entremeada pela pontada de dor enquanto ele mordisca minha carne. Então o sinto rindo contra mim, as vibrações de sua risada enviando deliciosos arrepios de seus lábios à minha garganta.

É a primeira vez que o ouço rir.

— O que é tão engraçado? — Pergunto, percebendo que pareço bêbado. Também percebo que não me importo. É muito bom estar assim,

quente e espancado contra um homem tão severo e bonito. Mesmo que ele não esteja tão severo agora.

— Gozei de novo, — diz ele, ainda rindo um pouco. — Tudo em você. Como um adolescente.

Ele está certo, e agora que estou descendo um pouco, sinto tudo liso e ficando pegajoso onde sua pélvis ainda está lentamente esfregando contra minha bunda.

— Não se sinta mal, — digo, sorrindo para mim mesmo.

— Por que eu me sentiria mal? Foi sua culpa por me deixar tão ansioso. — E com uma mordida final em minha garganta, Sidney me desamarra e, juntos, nos limpamos.

7



Naquela noite, nós transamos à luz da pequena lareira no quarto de Sidney. Como nossos quartos são muito próximos do de Auden, estou amordaçado e Sidney se diverte passando as unhas nos vergões ainda levantados de antes e me ouvindo choramingar. Também estou com os olhos vendados, embora não haja nenhuma razão real para isso - nenhuma outra razão a não ser que Sidney quer e eu quero dar a Sidney o que ele quer.

Sidney fode como faz com tudo - com uma graça fria e implacável. Ele me leva em sua cama, comigo de bruços e minha cabeça apoiada em meus braços, e pouco antes de gozar em seu preservativo, ele me vira e puxa para baixo a venda e a mordaça no meu pescoço.

— Só queria ver esses lindos olhos de boneca, — ele ofega. E então tem um orgasmo com um suspiro lindo, a luz do fogo revelando os músculos tensos e brilhantes de sua barriga enquanto ele enche o látex com sua porra.

Essa visão basta para me enviar direto ao limite, e estou me contorcendo contra o ar enquanto ele puxa para fora.

— Sr. Blount, — imploro. Ele se levanta para jogar fora a camisinha e volta para a cama com uma expressão perversa no rosto.

— Pelos próximos quinze minutos, quero que você me chame de Sidney, — ele diz, e sem mais preâmbulos, mergulha a cabeça e chupa meu pau necessitado direto em sua boca.

— Sr... *Sidney*, — eu suspiro, tentando empurrar mais fundo nele. — Oh meu Deus, Sidney, oh meu Deus...

Não senti uma boca no meu pau desde a faculdade, não senti o calor, a sucção ou o roçar do maxilar de alguém contra minhas coxas enquanto ajustava sua posição nos últimos anos. Os dedos do meu pé dobram, minhas costas arqueiam, e então Sidney olha para mim através de seus cílios, e vejo por que ele gosta tanto, por que é uma visão tão erótica. Há algo sobre o falso recato do ângulo, a vulnerabilidade dele. Inocência e maldade se desvendando enquanto você os compele a atender às suas partes mais rudes.

Isso é *Sidney* - sofisticado e arrogante *Sidney* - com seus lábios em volta de mim e seus olhos prateados brilhando com poder divertido - isso leva o prazer do ato além do que consigo suportar.

Ejaculo em sua boca com um ruído suave e irregular, me forçando a ver cada segundo dele me engolindo. Ele me deixa terminar completamente - engole cada pulso de mim até que esteja totalmente exausto, e então nos arruma na cama para que estejamos deitados lado a lado, com minha cabeça apoiada em seu ombro.

Estávamos quase vestidos hoje, e fiquei com minha venda durante a maior parte desta noite, então me deleito em simplesmente poder olhar para meu novo amante à luz do fogo, espalhado em uma deliciosa extensão de músculos e pelos escuros.

— Posso te tocar?

Ele se vira para mim, seu cabelo despenteado e suas bochechas ainda coradas pelo esforço, e sua expressão é o olhar solto e satisfeito de um homem que teve suas necessidades atendidas. — Eu gostaria disso, — diz ele, e de fato, ele parece gostar. Gosta quando acaricio meus dedos ao longo das ondulações de sua barriga e quando exploro os planos largos de seu peito. Ele me observa com olhos brilhantes de aprovação quando pressiono meus lábios em seus mamilos e exploro o poço úmido de seu umbigo com uma língua rápida. E recebo um ronronar bem masculino quando coloco minha boca contra as curvas de seus testículos e chupo e lambo até memorizar sua topografia.

Na verdade, ele gosta tanto que eu o toque que acabo sendo fodido de novo, e nenhum de nós consegue durar muito mais do que leva para ele entrar em mim e eu agarrar meu pau. Nós gozamos, nos limpamos e adormecemos do jeito que eu queria adormecer há anos - aninhado com segurança nos braços de um mestre, com sono, machucado e adorado.

ENCONTREI o livro dois dias depois do Natal. É um volume estreito entre duas histórias amadoras diferentes de Thornchapel, e estala ameaçadoramente quando o pego em minhas mãos.

Sidney - que aprendi nos últimos dias que está estranhamente sintonizado com meus movimentos - está de pé e olhando por cima do meu ombro para o livro em segundos.

— É ele? — ele pergunta, e então o pega em suas mãos experientes, assim que concordo. Ele o examina pensativamente por alguns momentos.

— Nunca ouvi falar desse editor, — diz ele, apontando para a página de título. — E essas planilhas são além de luxuosas. Este deve ter sido um livro muito caro.

Procuro em vão por uma data na frente. — Quantos anos você acha que tem?

— Livros não são minha área de especialização, — diz ele, franzindo a testa como se fosse culpa do livro ele ter passado anos estudando pinturas em vez disso. — Mas me parece ser dos meados do século XVIII. Talvez uma ou duas décadas mais velho.

Ele entrega o livro de volta para mim com um "*hmm*".

— *Hmm* o quê, Sr. Blount?

— *Tristão e Isolda de Lyonesse*? Seu clube BDSM não chama Lyonesse?

Olho para o livro, surpreso. — Chamava. Quero dizer, chama. Que coincidência interessante. — Embora, mesmo enquanto digo a palavra

coincidência, de alguma forma sei que tem que ser mais do que isso. Com Merlin, sempre é.

Sidney me coloca em contato com uma empresa que pode enviar um item tão valioso para Merlin, que não está na América, como eu pensei, mas no País de Gales em algum tipo de escapadela romântica com Nimue. E embora tenhamos passado os últimos quatro dias em uma névoa inebriante de punição, sexo e fingindo conversa educada e desinteressada sempre que Auden Guest está por perto, sinto uma pontada de apreensão ao assinar o livro para o serviço de entrega. Não tenho mais um motivo de verdade para abusar da hospitalidade de Auden, e o que tenho com Sidney parece muito delicado para forçar na vida real. Estou suspenso em um limbo horrível enquanto caminho de volta da porta da frente para a biblioteca, e esse limbo se torna infernal quando chego à biblioteca e vejo que Sidney está empacotando caixas de documentos de proveniência.

— Oh, — digo. Estupidamente. — Você já terminou?

— Já fiz tudo o que posso fazer aqui, — ele explica, colocando a tampa sobre uma caixa e pegando outra. — Examinei as próprias pinturas e examinei a documentação. Vou fazer o resto do trabalho em meu escritório.

Por quatro anos, mantive minha posição na frente de generais e reis, e ainda, agora, quero torcer minhas mãos em meu suéter e implorar.

Claro que Sidney percebe isso, porque aqueles olhos frios e perceptivos não perdem nada, e ele solta a caixa para se aproximar de mim e segurar meu rosto com as mãos.

— Antes você não sabia, mas estou perguntando agora se você sabe. Você irá para Londres comigo? Vai me deixar tentar conquistá-lo?

— Sr. Blount, — digo, tentando abaixar meu rosto. Ele não me deixa. — Acho que você já fez isso. Me ganhou, quero dizer.

Sidney Blount, deus do gelo e especialista em arte, solta um suspiro longo e aliviado. — Graças a Deus, porra.

Decido ali mesmo, quando ele está mais vulnerável e mais humano. Tinha sentido que estava à deriva antes de vir para Thornchapel? Que nada mais importaria?

Como pude estar tão errado? Quando todo esse tempo estava vindo direto para ele?

E então tenho que me perguntar, *realmente* me perguntar, por que Merlin *me* enviou para buscar este livro. Por que não veio pessoalmente, se já está no País de Gales? Por que não pediu a Cremer para providenciar alguém?

Merlin poderia saber que precisava conhecer Sidney Blount? Ele poderia ter armado todo este cenário apenas para me ver feliz?

Pode ser que tenha sorte de conhecer um verdadeiro mago. Pode ser que eu seja o homem mais sortudo do mundo. — Eu vou com você, — declaro.

A testa de Sidney cai na minha e seus olhos se fecham. — Oh, Ryan, — é tudo o que ele diz.

— Mas e depois? — Pergunto. — Quando eu for com você, o que faremos?

O que quero dizer é onde vou morar? Como vou encontrar um emprego? Quanto direito terei com o seu tempo? Mas o que ele diz é: — Bem, depois, acho que gostaria de me apaixonar por você.

Eu derreto. Eu morro. Eu quero.

— Isso vai ser um problema? — Ele sussurra, abaixando sua boca na minha. O que significa, *eu posso?*

Sim, droga. Ele pode.

— Sim, — sussurro em seu beijo. Sim e sim e sim. E sim.

Fim.